

A FORMAÇÃO, A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E A INTERDISCIPLINARIDADE

THE FORMATION, CONTINUING EDUCATION OF TEACHERS AND INTERDISCIPLINARITY

Alex Luiz Dagios¹, Eliane Aparecida Galvão dos Santos² e Elsbeth Léia Spode Becker³

RESUMO

Vivemos em um mundo de reconhecida crise humana. O processo de formação da pessoa com compreensão de si mesma e do mundo é de extrema pertinência e um compromisso da educação. Neste artigo, buscamos retratar a reflexão na formação e formação continuada de professores, na importância da interdisciplinaridade e realçar o ensino de humanidades como possibilidade de transformação humana, a partir da consciência e da efetiva compreensão da fragilidade das relações humanas e engendrar a profunda e verdadeira reforma para recompor o futuro. A metodologia caracteriza-se como um estudo de abordagem qualitativa descritiva do tipo bibliográfica. A partir das reflexões foi proposto o ‘varal das expectativas no caminho docente’ com indicações que podem nortear as decisões dos gestores e as expectativas dos professores diante do “novo” ensino que impacta diretamente na prática, na busca de transcender o modelo de educar tradicional e, assim, repensar, reformular e criar e recriar o caminho da docência.

Palavras-chave: Formação de Professores. Consciência. Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

We live in a world of recognized human crisis. The process of training people to understand themselves and the world is extremely relevant and a commitment of education. In this article, we seek to portray the reflection on the training and continuing education of teachers, on the importance of interdisciplinarity and to highlight the teaching of humanities as a possibility of human transformation, based on the awareness and effective understanding of the fragility of human relationships and engendering the deep and true reform to restore the future. The methodology is characterized as a qualitative descriptive study of the bibliographic type. From the reflections, the ‘line of expectations in the teaching path’ was proposed with indications that can guide the decisions of managers and the expectations of teachers in the face of the “new” teaching that directly impacts practice, in the search to transcend the traditional model of educating and, thus, rethink, reformulate and create and recreate the teaching path.

Keywords: *Teacher Training. Conscience. interdisciplinary*

1 Professor na Rede Básica de Ensino no Rio Grande do Sul. Mestrando em Ensino de Humanidades e Linguagens - UFN. E-mail: alexluizdagios@gmail.com

2 Doutora em Educação. Docente do curso de Pedagogia e Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens - UFN. E-mail: elianeagalvaol@gmail.com

3 Doutora. Professora aposentada da Universidade Franciscana - UFN. E-mail: elsbeth.geo@gmail.com

INTRODUÇÃO

Antoine de Saint-Exupéry deixou um pedido na última página do seu livro *O Pequeno Príncipe*: “Então, por favor, não me deixem tão triste, escrevam-me depressa que ele voltou ...” Muitas vezes, em sala de aula, no pátio da escola, nas ruas e avenidas, reconhecemos, em meio aos olhares e gestos, o pedido de Exupéry “se então um menino vem ao encontro de vocês, se ele ri, se tem cabelos de ouro”, se tem bondade no coração, cuidado consigo e com os outros, “adivinharão quem é”. Tantas vezes, ao chegarmos em casa, escrevemos para Exupéry: teu menino de ouro voltou! Está nas salas de aulas, no pátio das escolas e nas ruas e avenidas do Brasil, da América Latina e no resto do mundo.

A motivação e o ponto de partida para a escrita, em forma de artigo, é o pedido deixado por Saint-Exupéry (1977), são as memórias, os sonhos e as ideias de professores que buscam na docência uma possibilidade de contribuir para a construção de um mundo melhor. A motivação pessoal também está muito bem representada nas palavras de Freire (2007), ao aconselhar que o educador precisa, em primeiro lugar, gostar do que faz e dos educandos, desenvolver um trabalho coletivo e socialmente contextualizado; basear-se num compromisso de refazer o mundo e mergulhar numa sensibilidade para o pluralismo cultural, respeitando e valorizando cada aluno e suas peculiaridades.

Imbernón (2008), assinala importantes contribuições e expõe que o programa geral para a educação de hoje e de amanhã apresenta-se por meio da política educativa, da organização das instituições e das práticas pedagógicas e recomenda que a prática dos professores precisa ser contextualizada, refletida, discutida, pensada e repensada constantemente.

Atualmente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é o documento norteador para a formulação dos currículos escolares no Brasil e indica o conjunto de aprendizagens que correspondem a conhecimentos, competências e habilidades.

Ao compreender o que se espera do novo mundo protagonizado por crianças e adolescentes que chegam à escola, faz muito sentido uma abordagem mais ampla e comprometida na atual situação no que tange à formação e formação continuada de professores para o exercício de sua profissão. Para tanto, torna-se necessário abraçar e empreender uma mudança na prática pedagógica inspirada nos preâmbulos da BNCC em que preconiza a educação integral, isto é, uma educação que desenvolva as diversas dimensões do estudante: social, emocional, psicológica e intelectual. Para tanto, enfatiza as competências (conhecimentos, conceitos e procedimentos) mobilizadoras para resolver as demandas da vida cotidiana, do exercício da cidadania e do mundo do trabalho; e estimular e inspirar para as habilidades, capacidades práticas, cognitivas e socioemocionais.

E para que tudo isso caminhe bem, é fundamental o envolvimento e o engajamento de todos, gestores, professores e estudantes, comprometidos com a construção de novos conhecimentos e inteirados com as problemáticas que os norteiam no mundo atual, como, por exemplo, o autoconhecimento e a educação ambiental. Estes temas, são amplos e complexos, e precisam de referências na

interdisciplinaridade e isso demanda gestores e professores conscientes da necessidade de buscarem novos modos para trabalharem com as relações entre os ramos da ciência, em um processo evolutivo na construção do conhecimento das futuras gerações. Conhecer bem a si mesmo e o mundo que nos rodeia, quase nunca é um processo simples, exige mediadores que levem a refletir melhor sobre quem somos e qual o nosso compromisso com a natureza no planeta Terra. É, portanto, um projeto de vida a ser construído que inicia na família e terá forte referenciais a partir do conhecimento adquirido e construído na Educação Básica, no protagonismo do corpo docente com a unidade curricular e a prática pedagógica efetiva na interdisciplinaridade.

Pensar em mudar o mundo pode parecer uma utopia, talvez! Mas, começar a entender a dinâmica da vida no planeta em que se vive, em seus variados aspectos, é um forte prenúncio de mergulhar na construção do saber interdisciplinar. Mas, a transição, no momento atual, vem permeada de algumas dificuldades ancoradas na formação dos professores, ainda fortemente graduados na proposta disciplinar. Neste sentido, Karnal (2020, p. 60), nos alerta que:

Que o risco e a dificuldade dessa forma de trabalho está na manutenção de uma visão disciplinar sobre um tema abrangente, ao invés de superar barreiras dadas pelo modelo escolar, tenta-se unificar a partir dos fragmentos, como se a perfeita colagem de peça através das áreas do conhecimento pudesse responder à indignação e a proposta de trabalho.

O desafio é grande e perpassa por uma nova dinâmica da comunidade em que se vive, em seus variados aspectos, investigando problemas sociais e ambientais, testando hipóteses e experimentando soluções locais, de forma conectada na escola, entre os gestores, os professores e os estudantes, além da família, da comunidade local, dos gestores comunitários, municipais, estaduais e federais.

Portanto, é premente engendrar a mudança e, nesse sentido, é fundamental, na escola, o entrosamento entre os gestores, os coordenadores e os professores, para se desenvolver posturas e práticas que oportunizem as políticas educacionais voltadas para a formação e a formação continuada de professores, no sentido de saber fazer a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pautada na prática pedagógica da interdisciplinaridade, na unidade curricular, no projeto de vida e na arte de viver em paz. A escola tem um papel muito importante na formação e construção de conhecimentos dos estudantes, na busca da tomada de consciência diante da fragilidade dos laços humanos e do nosso futuro na Terra.

Na prática profissional, como docentes, nesse caso, nos componentes curriculares de História e Geografia, observamos a realidade escolar, e, muitas vezes, encontramos alunos desestimulados e com uma visão de algo inútil para o seu dia a dia, o que vem a provocar em nós, como professores, a necessidade de contribuir para mudar essa realidade. Por vezes, vemos meninos e meninas, com cabelos de ouro, que vem ao nosso encontro com mil perguntas e nunca desistem de perguntar, de questionar e de reconhecer um sentido em tudo aquilo que é proposto e, conseqüentemente, percebendo a aplicação que isso pode ter em seu cotidiano.

Assim, neste artigo, buscamos retratar a reflexão na formação e formação continuada de professores, na importância da interdisciplinaridade e realçar o ensino de humanidades como possibilidade de transformação humana, a partir da consciência e da efetiva compreensão da fragilidade das relações humanas e engendrar a profunda e verdadeira reforma para recompor o futuro.

METODOLOGIA

A metodologia está embasada na abordagem qualitativa de revisão bibliográfica, com inferência descritiva para encaminhar à reflexão na importância da formação e formação continuada de professores.

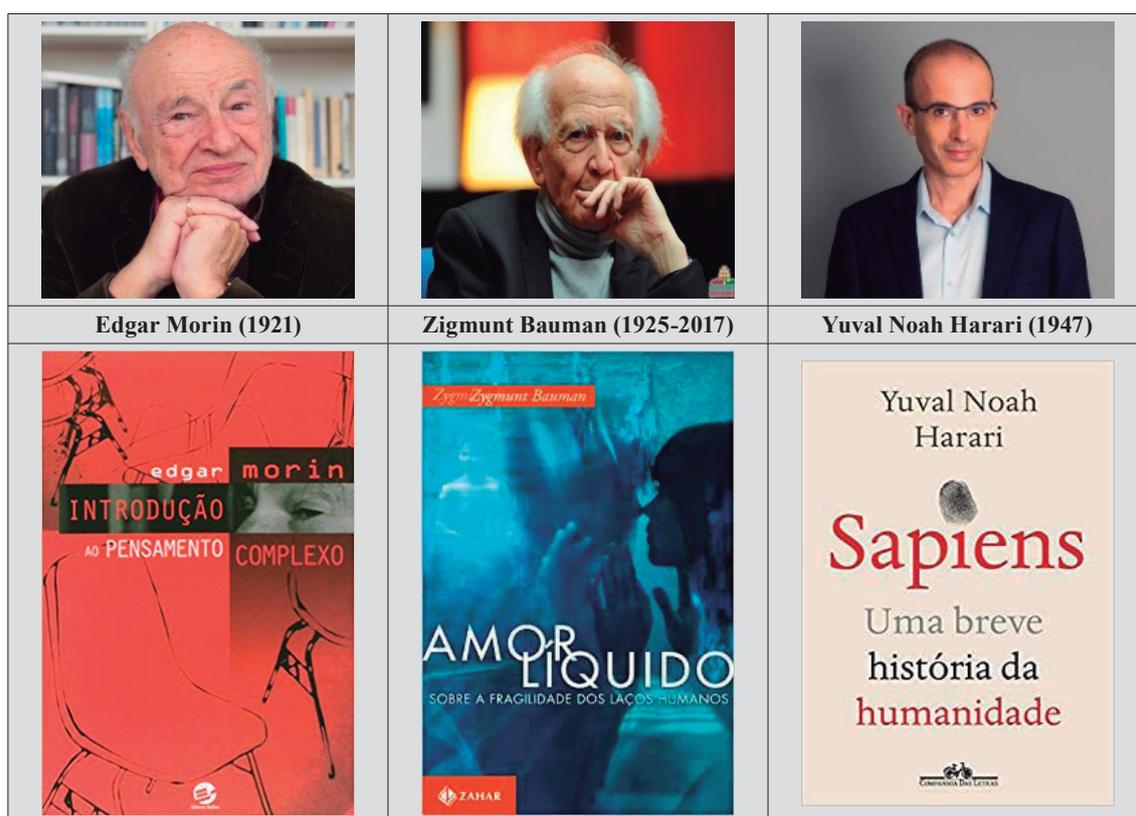
O método de pesquisa, focado na abordagem qualitativa, “se baseia mais em uma lógica e em um processo indutivo (explorar e escrever e depois gerar perspectivas teóricas) e, assim, proporcionando o surgimento de perguntas, dúvidas e hipóteses no período do desenvolvimento da pesquisa” (SAMPIERI, 2013, p. 33). O autor ainda complementa dizendo que o enfoque qualitativo busca, principalmente, a dispersão ou expansão dos dados e da informação, o que vem a corroborar com a construção e interpretação através das revisões bibliográficas existentes (SAMPIERI, 2013).

Assim, na pesquisa buscou-se, também, a revisão bibliográfica, que conforme Miotto (2007, p. 37) “é um procedimento metodológico que se oferece ao pesquisador como uma possibilidade de busca de opções para seu problema de pesquisa”. Miotto (2007), ainda postula que, trabalhar com a pesquisa bibliográfica, significa realizar um movimento incansável de apreensão dos objetivos, de observância das etapas, de leitura, de questionamentos e de interlocução crítica com o material bibliográfico, e que isso exige vigilância epistemológica.

E, assim, o conhecimento não é apenas a transposição do conhecimento, mas na reflexão crítica que se dá a partir do conhecimento adquirido pelo pesquisador, o que irá contribuir para gerar o pensamento concreto.

As obras de Morin (2007), Bauman (2004) e Harari (2019) são trazidas com este propósito, para enunciar a reflexão para o autoconhecimento e a educação ambiental, como projeto de vida para a arte de viver em paz. O percurso do pensamento dos autores foi delimitado a partir de três principais obras: “O pensamento complexo” de Edgar Morin, destacando a tomada da consciência do erro como o primeiro passo a minimizar a ilusão e a cegueira do pensamento; “Amor líquido. Sobre a fragilidade dos laços humanos” de Zigmunt Bauman traz a fragilidade dos laços humanos no mundo em que vivemos e destaca nossa incapacidade de tratar um estranho ou a natureza com humanidade; “Sapiens. Uma breve história da humanidade” de Yuval Noah Harari investiga o futuro da humanidade e traz uma pergunta “Qual será nosso destino na Terra”? (Figura 1).

Figura 1 - Autores Morin, Bauman e Harari e as respectivas obras em análise neste artigo.



Fonte: <https://www.amazon.com.br/>. Adaptado pelos autores.

A partir da linha de pensamento, de crises generalizadas, ambientais e sociais, buscamos, também, trazer caminhos de mudanças na educação a partir de referenciais bibliográficos de autores e educadores focados na formação e na formação continuada de professores: Autores como Karnal (2020), Ferry (2004), Garcia (1999) Imbernón (2008) e Santos (2013). E de autores que enfocam e discutem a interdisciplinaridade, as dificuldades e a necessidade de uma efetivação da prática pedagógica interdisciplinar: como Fazenda (2011), Thiesen (2008) e Viçosa (2018).

E, por fim, insere-se algumas considerações para comentar a transformação da educação e a necessidade da prática pedagógica interdisciplinar para a transformação humana. As informações bibliográficas e as discussões no texto condicionaram a elaboração do A partir das reflexões foi proposto o ‘varal das expectativas no caminho docente’.

DO PENSAMENTO COMPLEXO AO RESGATE DA INTERDISCIPLINARIDADE E DA CONSCIÊNCIA DE UMA EDUCAÇÃO PARA A PAZ NAS OBRAS DE MORIN, BAUMANN E HARARI

Os estudos de Morin, Bauman e Harari mostram que a humanidade está mergulhada em fragmentos e desconectada da percepção e compreensão da complexidade. As relações que se estabelecem são frágeis, voláteis e superficiais e podem ser descartadas a qualquer momento, seja no

relacionamento entre pessoas e/ou com a natureza. Para reencontrar o caminho para a percepção e compreensão da complexidade, do resgate das relações de respeito e consagração, há necessidade de desafios como conscientizar-se, refletir-se, situar-se, problematizar-se, reformar-se e religar-se para, assim, recompor o futuro. Parte-se de três obras principais para balizar uma reflexão inicial na retomada da consciência, na compreensão da fragilidade humana e no compromisso de buscar a religação para a complexidade do pensamento na construção do futuro.

EDGAR MORIN - A REINTEGRAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

Edgar Morin, nascido Edgar Nahoum em 8 de julho de 1921 na cidade de Paris, França, é antropólogo, sociólogo e filósofo e considerado um dos principais pensadores contemporâneos e um dos principais teóricos do campo de estudos do pensamento complexo.

O mundo sempre foi e sempre será complexo. No entanto, na ciência, a partir dos séculos XVI e XVII, Bacon e Descartes, introduziram o pensamento reducionista e cartesiano e a lógica do pensamento Ocidental passou a ser regulada lógica homeostática para manter o equilíbrio do discurso sem oportunizar a contradição e a antítese. A humanidade engendrou na compartimentação das coisas e de certa forma perdeu o elo de pensar e perceber que tudo está interligado (KELLER; BECKER, 2020). A metodologia científica reducionista e quantitativa permeou o conhecimento humano até o século XX, quando pensadores retomam o pensamento complexo e a concepção de que tudo está interligado.

Morin, em toda a sua trajetória de vida e de obras, destaca a necessidade e a importância como desencadeador de uma reflexão sobre a educação a partir da “consciência da complexidade presente em toda a realidade, ou seja, é fundamental que o educador compreenda a teia de relações existente entre todas as coisas, para que possa pensar a ciência una e múltipla, simultaneamente” (MORIN, 2007, p. 73).

Nessa perspectiva, conhecer, analisar e refletir sobre essa base conceitual pode favorecer a compreensão da complexidade necessária na prática e na ação da escola (gestores, professores e estudantes). A prática imprescindível deve iniciar na consciência do ser humano, de se conhecer e pensar sobre seus anseios para, então, poder compreender as necessidades do mundo. Morin (2007), considera vital que se consolide, na reforma do pensamento, uma consciência avançada das relações entre a comunidade humana e o cosmos. Para Morin (2007, p. 11), “consciência sem ciência e ciência sem consciência são radicalmente mutiladas e mutilantes. Os caminhos para a complexidade são, ao mesmo tempo, os de um conhecimento que tenta compreender-se a si próprio, isto é, de uma ciência com consciência”.

Morin (2007), ainda recomenda que a evolução do conhecimento científico não deverá ser encarada, unicamente, como crescimento e extensão do saber, mas também, como transformações, rupturas e passagem de uma teoria para outra, na qual a consideração da dualidade incerteza-certeza

constrói os percursos a serem trilhados. A ideia do autor, portanto, é de uma ciência a serviço da sociedade e daí a necessidade de um autoconhecimento da própria ciência.

Algumas tentativas de mudança se esboçam, mas se apresentam frágeis. Não conseguimos, ainda, colocar em prática de forma efetiva, na formação, na formação continuada de professores e na prática escolar, a interdisciplinaridade e, mais que isso, a transdisciplinaridade, defendida por Edgar Morin. Continuamos a tratar como simples aquilo que já reconhecemos como complexo, pois, ninguém discorda que a educação é um processo complexo e nada linear.

É importante ressaltar que existem tentativas importantes e salutares, no sentido de se construir uma prática interdisciplinar, no dia a dia da escola, mas nosso pensar tradicional é profundamente enraizado e temos muitas dificuldades para organizar nosso trabalho sem promover a fragmentação dos saberes, sem reduzir e simplificar o que é complexo e diverso.

Fazenda (2011) reconhece que há uma intensificação dos grupos interdisciplinares, nos quais se esboçam novas formas de pensar, porém, ainda são poucos aqueles que conseguem alterar sua prática e ação. “Muitos já falam na mudança, chegam até a vislumbrar a possibilidade dela, porém, conservam sua forma própria de ser educador, de ser pesquisador, de dar aulas um patriarcado que enquadra, que rotula, que modula, que cerceia, que limita” (FAZENDA, 2011, p. 42). Nesse sentido, conhecer e refletir sobre o pensamento de Edgar Morin pode ser um facilitador na superação desse desafio de pensar a realidade escolar, o processo ensino aprendizagem em toda sua diversidade e complexidade.

Morin (2007), ainda adverte para o risco da cegueira e da ilusão, de aceitar “as verdades prontas” e difundidas com legitimidade por instituições (entre elas as universidades e as escolas), mídias, governos e religiões. Keller e Becker (2020) ao comentarem Morin (2007), evidenciam fortemente o risco do erro no ato de comunicar-se, sob o efeito de perturbações aleatórias ou de ruídos em qualquer transmissão de informação e em qualquer comunicação de mensagens. Os erros podem induzir ilusões e interpretações aleatórias ou produzir cegueiras a partir da veiculação de informações dominantes e totalitárias que interessam e servem, especialmente, a alguns setores sociais, políticos ou econômicos. Produzir a cegueira e a ilusão podem compor a meta de corporações ou de elites (econômicas, políticas, religiosas) para exercer o domínio do território e nele introduzir as territorialidades que venham de encontro aos interesses corporativos de dominação e às ideias totalitárias. E, é disso que emana o erro e a ilusão do conhecimento que se, apenas repetido de forma isolada e compartimentada, encaminham para a cegueira de não ver o mundo real como ele é.

Portanto, para Morin (2007), tomar a consciência do erro é o primeiro passo a minimizar a ilusão e a cegueira do pensamento. Cabe, portanto, a educação básica e universitária, não-formal e informal, o papel de mostrar que não há conhecimento que não esteja, em algum grau, condicionado pelo erro e pela ilusão e pela fragilidade das relações humanas.

ZIGMUNT BAUMAN - A FRAGILIDADE DAS RELAÇÕES HUMANAS

Zigmunt Bauman nasceu em Poznan, Polônia em 19 de novembro de 1925 e faleceu em 9 de janeiro de 2017 em Leeds, Reino Unido. Foi sociólogo e filósofo e lecionou na Universidade de Leeds (Reino Unido) e na Universidade de Varsóvia (Polônia), autor de vários livros e o pensador que desenvolveu o conceito de modernidade líquida.

Modernidade líquida, segundo Bauman (2004), caracteriza uma nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos. Na obra de Baumann, este conceito opõe-se ao de modernidade sólida, quando as relações eram solidamente estabelecidas, tendendo a serem mais fortes e duradouras.

A modernidade sólida, Baumann (2004), descreveu com as características da rigidez e da solidificação das relações humanas, da ciência e do pensamento. As relações sociais e familiares eram rígidas, duradouras e atreladas à tradição. Apesar dos aspectos negativos da modernidade sólida, o aspecto positivo era a confiança na rigidez das instituições e na solidificação das relações humanas. A busca pela verdade era um compromisso sério para os pensadores da modernidade sólida.

A modernidade líquida, segundo Bauman (2004), ficou evidente na década de 1960, mas a sua emergência foi percebida no início do capitalismo industrial, quando as relações econômicas ficaram sobrepostas às relações sociais e humanas. O consumo passou a ser o principal objetivo das pessoas e isso abriu espaço para que cada vez mais houvesse uma fragilidade de laços entre pessoas e de pessoas com instituições. A lógica do consumo entrou no lugar da lógica da moral e da ética e as pessoas passaram a ser fortemente analisadas pelo “ter” e não pelo “ser”. O consumo também trouxe a ideia de descartar e trocar, introduzindo a frivolidade das coisas que se estendeu, também, para as relações humanas e para a relação do homem como meio-ambiente.

As relações humanas ficaram extremamente abaladas e frágeis, caracterizadas pela superficialidade e frivolidade. Não há mais compromisso, A banalização da amizade e do namoro são reflexos desse modo de vida que prioriza o consumo e objetifica as pessoas. A amizade e os relacionamentos amorosos são substituídos por conexões, que, a qualquer momento, podem ser desfeitas. As conexões estabelecidas entre pessoas são laços banais e eventuais para alcançar o maior número e ostentar uma imensa rede social nas mídias.

Assim sendo, o sistema econômico, o capitalismo, consegue efetuar a sua principal base, o consumo, e atrela o prazer “de ter” com a promessa de felicidade: os sujeitos estão cada vez mais ansiosos, tristes e sobrecarregados. Nesse panorama emocional, torna-se fácil associar o prazer momentâneo oferecido pelo consumo à felicidade. Como esse prazer é fugaz e passageiro, o sujeito sente a necessidade de buscá-lo constantemente, na tentativa de alcançar a felicidade.

Bauman (2004), indica que, com a passagem da modernidade sólida à líquida, tanto a ordem imutável do mundo como a da “natureza humana” se encontra em atribuições. Na educação, os

pressupostos que garantiam os benefícios da transmissão do conhecimento e forneciam ao professor autoconfiança para “gravar” na cabeça daqueles a forma que presumia ser, para todo sempre, justa e eficiente. Na nova ordem, o imutável é destituído e o novo paradigma que rege a sociedade é a liquidez e a fluidez. Para o sociólogo, o “mundo do lado de fora” das escolas cresceu de modo diferente daquele para o qual elas estavam preparadas a educar nossos alunos.

Keller e Becker (2020), sinalizam que, no universo de crises generalizadas, a educação tem sido objeto de discussões, debates, análises e reflexões para o entendimento de como esta deve se constituir neste período histórico de mudanças e preparar a vida vai adquirir um novo significado diante das atuais circunstâncias sociais e ambientais.

Portanto, reconhecer a fragilidade das relações humanas na modernidade líquida é um forte componente para a educação e o futuro da humanidade.

YUVAL NOAH HARARI - O FUTURO DA HUMANIDADE

Yuval Noah Harari nasceu em Haifa, Israel, em 24 de fevereiro de 1976, é professor de História na Universidade Hebraica de Jerusalém, e autor de inúmeros artigos e vários livros, entre eles o best-seller internacional, “Sapiens. Uma breve história da humanidade”.

Para Harari (2020), a história pode ser dividida em três momentos-chave, em ordem cronológica: a Revolução Cognitiva, a Agrícola e a Científica. A Revolução Cognitiva aconteceu há 70 mil anos e é um dos marcos da história para Yuval Harari. Antes a espécie humana era apenas mais uma na Terra, tendo o mesmo impacto no ambiente do que gorilas, vagalumes ou águas-vivas.

Há 12 mil anos, a Revolução Agrícola marcou o que, para Harari, é uma das maiores fraudes da história: a ideia de que o desenvolvimento da agricultura possibilitou uma melhora na alimentação e na qualidade de vida do ser humano. O historiador explica que houve uma queda na variedade de nutrientes, pois a maioria dos grupos sedentários de agricultores só conseguia plantar arroz e batata. O tempo dedicado ao trabalho aumentou, assim como a preocupação com um futuro menos imediato.

A última e mais recente revolução descrita por Harari é a Revolução Científica, datada de 500 anos atrás. Do ponto de virada na história da humanidade, é resultado da consciência da ignorância e do desejo pela descoberta e, principalmente, impulsionado quando governantes enxergaram no conhecimento uma ferramenta de poder, passando assim a estimular e financiar sua produção. Com isso, o poder é mais fácil de ser concentrado em leis, instituições e empresas e diminuiu o papel das comunidades. O indivíduo, aparentemente, parece estar sendo “valorizado” por meio do consumo e a ideia de “ter” é superior ao “ser”.

Segundo Harari (2020, p. 427), o regime dos sapiens na Terra produziu poucas coisas das quais podemos nos orgulhar. “Nós dominamos o meio à nossa volta, aumentamos a produção de alimentos, construímos cidades, fundamos impérios e criamos grandes redes de comércio”, mas

“repetidas vezes, os aumentos gigantescos na capacidade humana não necessariamente melhoraram o bem-estar dos sapiens como indivíduos e geralmente causaram enorme sofrimento a outros animais”.

Nessa linha de reflexão, o historiador alerta sobre o que pode acontecer ao mundo e à espécie humana nos próximos séculos e há uma preocupação contundente e real com os danos ambientais irreversíveis presentes na história da humanidade, que já impactam negativamente as pessoas do mundo inteiro. Harari (2020, p. 426) indaga não mais sobre “o que queremos nos tornar?”, mas sobre “o que queremos querer?”. “Aqueles que não se sentem assombrados por essa pergunta provavelmente não refletiram o suficiente a respeito” (HARARI, 2020, p. 426).

A tomada de consciência sobre o erro e a cegueira no avanço da Revolução Científica, há 500 anos, impulsionado pela visão de mundo europeia, que se torna dominante por meio do imperialismo das grandes navegações e pela consolidação do capitalismo, coloca-nos diante da necessidade de repensar sobre o erro da fragmentação do conhecimento e buscar, de forma contundente, a interdisciplinaridade na educação.

Além disso, apesar das coisas impressionantes que a artificialidade, a tecnologia e o consumo alcançam no mundo moderno, as relações humanas entre si e para com o meio estão frágeis e desconexas e nisso residem as indagações sobre o futuro do ser humano na Terra.

Neste contexto, de crises generalizadas, ambientais e sociais, a educação tem sido objeto de discussões, debates, análises e reflexões para o entendimento de como esta deve se constituir neste período histórico de mudanças, de tensões, de interesses e de incertezas para, enfim, trazer caminhos de mudanças que promovam um novo pensamento, uma nova consciência e uma sociedade evoluída em sua humanidade. Para tanto, a formação de professores e sua formação continuada é o ponto de partida para pensar e repensar o futuro da humanidade, a reintegração da consciência e a fragilidade dos laços humanos.

DA FORMAÇÃO E DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E O RESGATE DA INTERDISCIPLINARIDADE

A humanidade vivencia o maior apogeu de sua história. Surgem robôs capazes de executar qualquer serviço, olhos eletrônicos que olham para além de horizontes universais, médicos implantam órgãos biônicos e dos laboratórios dos cientistas brotam animais e plantas que a natureza não criou. Trata-se de um momento de síntese de integração, e globalização e, ao mesmo tempo, de miséria, violência e medo. Sabe-se muito de muitas coisas, mas sabe-se muito pouco da totalidade. Somos chamados a fazer um esforço para entender a totalidade, porque a crise da fragmentação chegou aos limites extremos e ameaça a sobrevivência de todas as formas de vida sobre a Terra. Fragmentamos a ciência, espalhando-a pelos domínios da Matemática, da Física, da Química, da Biologia, da Geografia e de tantas outras disciplinas, Como consequência, na análise de Weil (1993, p. 26) “o mundo

do saber tornou-se uma verdadeira ‘torre de Babel’, em que os especialistas falam cada qual a sua língua e ninguém se entende”. Portanto, a fragmentação só existe no pensamento e é fruto da criação humana. Recuperar a unidade perdida significa reconquistar a paz e para tanto é necessária uma nova consciência e educação. A escola e a formação e formação continuada de professores veem-se protagonistas na formação de uma nova humanidade, percebida no conhecimento interdisciplinar.

Ferry (2004, p. 54) comenta que: “la formación consiste em encontrar formas para cumplir con ciertas tareas para ejercer um oficio, uma profesión, um trabajo, por ejemplo” Para isso o professor não deve simplesmente passar o conhecimento, mas ampliar sua responsabilidade perante o aluno, dando a ele condições para construir o conhecimento. Neste sentido, percebe-se que um dos maiores desafios para escola é a interdisciplinaridade, que conforme Morin (2000) trata-se de uma “ciência com consciência” e sua finalidade é compreender o mundo presente.

Quando falamos de formação de professores Garcia (1999) destaca como uma ação que destina à aquisição de saberes e de saber-fazer mais importante do que saber-ser. Garcia (1999) ainda destaca como conceitos de formação como: A formação ser entendida como uma função social de transmissão dos saberes, de saber-fazer ou do saber-ser. O conceito de formação é associado como um processo de desenvolvimento e estrutura da pessoa e o processo de formação como instituição, quando refere-se a estrutura organizacional que planifica e desenvolve as atividades de formação.

O autor também salienta que a formação deve ser para algo, formação social, transição para o conhecimento e saberes e deve ser exercido em benefício do sistema social, econômico e da cultura. Um processo de desenvolvimento da pessoa (GARCIA, 1999). Um processo de construção ao longo da vida educacional, que vem desde as incertezas da juventude, passando pela formação acadêmica e sua formação continuada.

Ferry (2004, p. 54) destaca que:

Quando se habla de formación se habla de formación profesional, de ponerse en condiciones para ejercer prácticas profesionales. Este presupone, obviamente, muchas cosas: conocimientos, habilidades, cierta representación del trabajo a realizar, de la profesión que va a ejercerse, la concepción del rol que uno va a desempeñar. Esta dinámica de formación, esta dinámica de la búsqueda de la mejor forma es un desarrollo de la persona que va a estar orientado según los objetivos que uno busca y de acuerdo con su posición.

No processo de formação de professores Garcia (1999) distingue três tipos de formação: A autoformação, a qual o indivíduo participa de forma independente tendo controle dos seus objetivos; a heteroformação que é a formação de fora por especialistas, sem comprometer a personalidade do sujeito e a interformação que ocorre entre os futuros professores na construção do conhecimento.

A formação de professores vai muito além da aprendizagem didática e a prática de ensino, mas sim uma formação que produzimos em nós mesmos (GARCIA, 1999). Menciona que a autoformação é uma formação em que o indivíduo participa de forma independente e tendo sob o seu próprio controle os objetivos, os processos, os resultados da própria formação.

De acordo com essa abordagem, também se destaca que não devam ser conhecedores somente do conteúdo que tem de ensinar, mas sujeitos capazes de transformar esse conhecimento do conteúdo em conhecimento de como ensinar. Nesse sentido acrescento ainda para que ensinar? Já que o professor trabalha na formação do aluno, não só que o aluno aprenda as disciplinas, mas para que exerça sua cidadania, e o professor como formador deve estar sempre em processo de formação para acompanhar o processo evolutivo da humanidade e esse processo de formação deverá acontecer na graduação, pois as universidades se preocupam muito mais com a teoria e pesquisa do que com a prática propriamente dita.

Imbernón (2010) caracteriza o atual processo de formação de professores como cursos padronizados por especialistas, na qual caracteriza como estupidez formadora. Deixando de lado o que vem defendendo há algum tempo: Processo de pesquisa-ação, atitudes, projeto relacionados ao contexto, participação ativa dos professores, autonomia, heterodoxia didática, diversas identidades docentes, planos integrais, criatividade didática, etc.

Vejo como necessidade uma formação mais focada na prática onde os futuros professores tenham contato com os alunos desde o início da graduação, assim o acadêmico terá tempo de colocar em prática seus conhecimentos e habilidades e se corrigir com orientações de seus mestres. Tendo mais tempo para se aperfeiçoar, conhecer a realidade das escolas públicas e privadas, a realidade do bairro que compõem a comunidade escolar, criando assim o amor pela profissão de educador e quando sair da graduação, sair um professor mais confiante, reflexivo, apto para ensinar o aluno a pensar e aprender, dando sua contribuição para torná-lo um cidadão de bem.

Para que ocorra uma construção na formação dos docentes, deve haver um engajamento conjunto que englobe as políticas educacionais juntamente com as coordenadorias e professores. Como a educação é um assunto muito complexo não pode ser discutida de uma forma isolada.

Nesse sentido, Santos (2013), salienta que, nos dias atuais, há constantes demandas no sentido de melhorar o desenvolvimento da educação no Brasil, mas, na maioria das vezes, os professores e a gestão escolar não são consultados, caracterizando uma gradativa perda de autonomia docente, especialmente, na Educação Básica. “Os professores são acumuladores de funções e não são consultados para um processo de formação por parte dos órgãos governamentais” (SANTOS, 2013, p. 96). Geralmente, os órgãos oficiais, para mostrar eficiência promovem eventos formativos, mas, na maioria das vezes essas formações não surtem efeitos na prática, pois estão distantes da realidade do cotidiano escolar.

Imbernón (2008) também acrescenta dizendo que se focarmos nos professores, podemos perceber uma falta de delimitação claras de suas funções, que implica a demanda de soluções dos problemas derivados do contexto social, o que coloca a educação no ponto de vista das críticas sociais e educativas.

Voltamos a salientar que o processo de formação deve ser efetivado de forma conjunta e não isolada, já que estamos tratando de formação não só de pessoas aptas a exercer a profissão de professores, mas pessoas capazes de trabalhar na construção da educação básica.

Remete-nos abordar a importância da formação continuada para os professores, no sentido de rever seus conceitos de trabalho, de comportamento e de ação frente as problemáticas e desafios do nosso dia a dia que está cada vez mais acelerado e concorrido. Imbernón (2010) nos remete a refletir sobre a formação continuada de professores quando cita que a formação continuada de requer um clima de colaboração entre os professores, sem grandes reticências ou resistências (não muda quem não quer, mudar ou não questiona aquilo que se pensa que já vai bem), uma organização nos cursos de formação de professores (respeito, liderança democrática), entre outros que de apoio à formação, e a aceitação de uma contextualização e de uma diversidade entre os professores que implicam maneiras de pensar e de agir.

Em um segundo momento, aborda-se a interdisciplinaridade, para tanto, opta-se por iniciar com um conceito dos autores Fazenda, Varella e Almeida (2013, p.153) no qual eles citam que “a inquietação dos pesquisadores que se dedicam a interdisciplinaridade converge desde o início da década de 1960 e amplia-se cada vez mais na compreensão dos paradoxos advindos da necessidade da busca de sentidos existenciais e ou intelectuais”. Até a década de 80 o número de pesquisas na temática da interdisciplinaridade era bem reduzido e pouco divulgado, e que a partir de 2000 a interdisciplinaridade deixou de ser uma questão periférica para tornar-se objetivo central dos discursos governamentais e legais. A interdisciplinar não é um termo recente, mas tomou uma maior proporção em abordagens e trabalhos realizados mais recentemente. Fazenda (2011) faz uma citação que na década de 1970 o CERI (Centro para Pesquisa e Inovação para do Ensino), já definia a interdisciplinaridade como uma interação entre duas ou mais disciplinas.

Fazenda, Varella e Almeida (2013) nos orientam que a interdisciplinaridade não deve ser encarada como uma ciência, mas sim uma forma de aprofundar o estudo e a compreensão de um assunto em mais de uma área do conhecimento, destacando que uma área não é mais importante que a outra. Tratar a interdisciplinaridade no Brasil é um grande desafio e ao mesmo tempo complexo, pois depende de boas políticas de educação, currículo escolar e a formação e formação continuada de professores em todas as áreas do conhecimento. O empenho deve ser mútuo e persistente para superar a forma fragmentada da aprendizagem.

Na caminhada formativa dos professores a interdisciplinares deve ser abordado já na formação acadêmica, pois não podemos tratar a interdisciplinaridade como uma junção de disciplinas, ela é muito mais complexa (FAZENDA, 2011), define interdisciplinaridade como atitude de ousadia e busca diante de conhecimento e caberá pensar aspectos que envolvem a cultura do lugar onde forma professores. Os futuros professores devem sair com sua formação com o enfoque e conhecimento sobre a importância de se trabalhar a interdisciplinaridade com os alunos.

Fazendo uma analogia mais recente sobre a temática da interdisciplinaridade e a formação de professores (FOUREZ, 2001 apud FAZENDA, 2001), nos remete a duas ordens, uma ordem científica, que busca o saber das disciplinas a outra de ordem social que se funde aos saberes científicos com o

social, político e econômico em uma formação interdisciplinar. Essa realidade deve ser trabalhada na formação de professores na teoria e posteriormente na prática, trazendo para dentro da escola a realidade social a qual estamos inseridos, associando com a realidade da comunidade escolar do aluno. Fazenda (2011), ainda ressalta que a interdisciplinaridade escolar visa favorecer, sobretudo o processo de aprendizagem, respeitando os saberes do aluno e sua integração. A interdisciplinaridade, além de superar a fragmentação dos assuntos, segundo Thiesen (2008) “será sempre uma reação alternativa à abordagem disciplinar no ensino ou na pesquisa dos diversos objetos de estudo”.

De acordo com Viçosa et al. (2018, p. 84) aponta em seus estudos que “a interdisciplinaridade desponta como possibilidade de integrar disciplinas e contextualizar diferentes saberes, contribuindo no processo de aprendizagem dos educadores”. Assim destaco a importância de estudarmos assuntos contemporâneos a qual destaco a educação ambiental em uma forma conjunta e não de uma forma fragmentada em disciplinas, proporcionando aos alunos uma nova forma de estudos e de pesquisa, o que vem a contribuir na formação de alunos mais críticos e empenhados em desenvolver soluções para amenizar ou solucionar problemas relacionados ao meio ambiente.

Fazenda (2011) define como conceito de interdisciplinaridade como “questão de atitude, surge a preocupação de verificar sua utilidade, valor e aplicabilidade, com a finalidade de estabelecer uma articulação entre o universo epistemológico e o universo pedagógico da interdisciplinaridade”.

Neste sentido, a efetiva implantação da interdisciplinaridade torna-se um requisito imprescindível para a contextualização do cotidiano de vivência escolar e de vida, como, por exemplo, o tema da educação ambiental e de sua missão, o qual implica um giro revolucionário para a própria concepção global do ensino. O que não consiste em extinguir disciplinas, mas de mudar a forma de trabalhá-las, incluindo temas atuais inter-relacionando com o passado histórico. Já Gibbons, 1997 apud THIESEN ressalta que a interdisciplinaridade é um modelo de superação da visão fragmentada nos processos de produção e socialização do conhecimento, caminhando para novo sistema de produção. Para que ocorra o conhecimento interdisciplinar, Fazenda (2011, p. 60), complementa que “deve ser uma lógica da descoberta, uma abertura recíproca, uma comunicação entre os domínios do saber, uma fecundação mútua e não um formalismo que neutraliza todas as significações, fechando todas as possibilidades”.

A importância da escola juntamente com toda sua equipe diretiva deve estar engajada nesse processo de interdisciplinaridade, trabalhando com os professores e coordenadores na elaboração de currículos que abordem os diversos temas transversais. A Agenda 2030, um plano global que reúne 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODSs) e 169 metas, criada pela ONU e assinada por 193 países membros, destaca, também, a educação como tema emergente no mundo contemporâneo.

Currie (2012), enfatiza que as crianças de hoje precisam desenvolver atitudes básicas durante sua permanência na escola, para poder contribuir amanhã na melhoria de nossas aldeias globais, como adultos, cidadãos plenos do mundo. A escola tem um papel muito importante na formação e construção de conhecimentos das crianças, na busca de desconstruir as desigualdades e preconceitos

criados pela sociedade a qual fizemos parte. Assim Imbernón (2008, p. 50) define que a educação dos seres humanos precisa ser feita a partir dos problemas do presente.

Há professores dedicados, atualizados e inteirados com as problemáticas sociais, econômicas e ambientais, aptos e preparados para trabalharem com a interdisciplinaridade, em um processo evolutivo na construção do conhecimento das futuras gerações no sentido de, além da inteligência, desenvolver a consciência no sentido de respeitar e preservar os recursos naturais do planeta Terra. Mas, é preciso fazer mais e de forma integrada. Nesse sentido, torna-se pertinente a importância de políticas educacionais voltadas para formação e formação continuada de professores.

Observa-se, portanto, na conjuntura contemporânea a grande importância da formação e formação continuada de professores para compreender a história da Terra e da humanidade. Vive-se em um mundo muito acelerado e as transformações acontecem rapidamente e o professor precisa acompanhar a evolução e estimular a consciência de pensamento.

De acordo com Karnal (2020 p.49), “hoje, tudo muda a toda hora, tornando difícil a sobrevivência dos homens que constituem hábitos”. O professor, como um formador, não pode se deter e se limitar a um conceito por sua vida profissional, deve estar sempre se atualizando e inserido no mundo global, até porque o mercado de trabalho está cada vez mais exigente em contratar pessoas capacitadas que façam a diferença para um público que também está exigente. As escolas devem seguir a tendência do mercado global, incorporando a tecnologia cada vez mais no dia a dia das escolas e a profissão de professor como qualquer outra profissão deve estar acompanhando essa evolução que tende para uma educação aberta onde o professor tradicional passa a ser um mediador na construção da aprendizagem do aluno. Caso contrário o professor tradicional corre o risco de estar saindo do mercado de trabalho.

Cabe buscar reflexões nas expectativas dos professores e como pretendem se preparar para o “novo” ensino porque, ouvindo o que eles têm a dizer, os gestores, na formação continuada, e os professores presentes na formação inicial, podem repensar, reformular e criar e recriar o caminho da docência.

VARAL DE EXPECTATIVAS NO CAMINHO DOCENTE

As reflexões feitas com base nas provocações e nas questões propostas neste artigo a partir de autores, revertem-se em indicadores que podem nortear as decisões dos gestores e as expectativas dos professores diante do “novo” ensino que impacta diretamente na prática, na busca de transcender o modelo de educar tradicional.

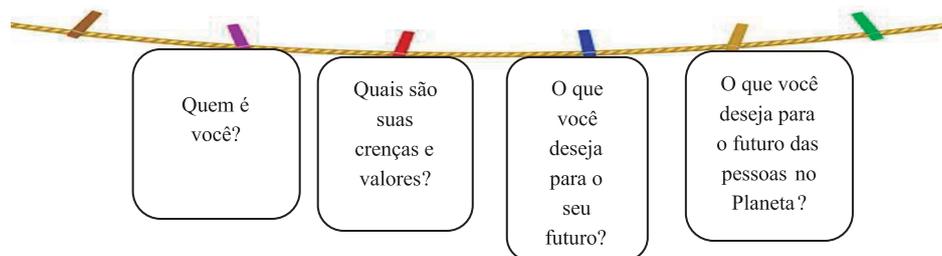
Conhecer bem a si mesmo, a prática como professor, o mundo que nos rodeia e, em particular, o aluno, a criança e o adolescente, é começar e protagonizar um projeto de vida que inicia na família, continua na escola e se constrói para a vida. O protagonismo do corpo docente com a unidade

curricular e a prática pedagógica efetiva na interdisciplinaridade é um caminho com impasses, mas pode encontrar fortalecimento na efetiva formação e formação continuada de professores e no resgate das humanidades como possibilidade de transformação humana, a partir da consciência e da efetiva compreensão da fragilidade das relações humanas e engendrar a profunda e verdadeira reforma para recompor o futuro.

As expectativas no caminho docente partem do interior de cada professor e de sua vontade, sobretudo, de disponibilizar-se, estar e ser acessível a todo e qualquer conhecimento que possa contribuir e levar a ser um verdadeiro pesquisador, imprimindo uma postura consciente, responsável ora em formação continuada, ora como formador.

Recriar a prática docente é ser protagonista e abordar questões bastante profundas. Realizar em si mesmo as mudanças que se deseja para o mundo. Tomar consciência de si e do seu papel no mundo: - Quem é você? - Quais são as suas crenças e valores? - O que você deseja para o futuro? - E para as pessoas que vivem no seu entorno e no Planeta? (Figura 2).

Figura 2 - Varal de expectativas do professor em formação e formação continuada: a consciência de si.

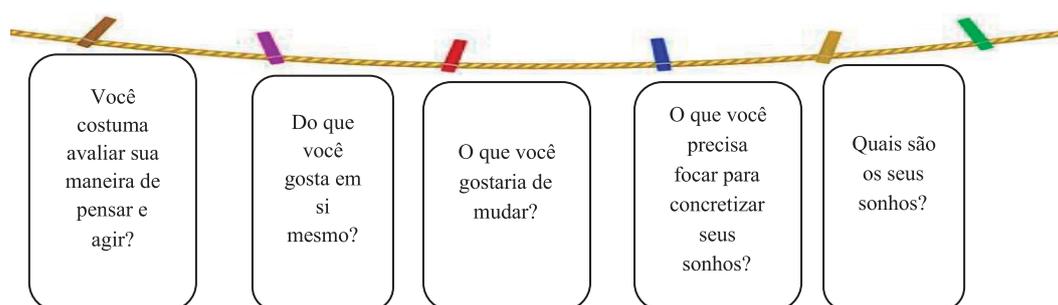


Fonte: Organização dos autores.

Conhecer bem a si mesmo quase nunca é simples. Morin (2007), destaca a importância da consciência de si mesmo e a importância da reflexão a partir da “consciência da complexidade presente em toda a realidade” (MORIN, 2007, p. 73). É fundamental que o professor compreenda a teia de relações existente entre todas as coisas e entre as pessoas. À medida que nos relacionamos com os outros e com o mundo, acumulamos experiências que contribuem para elaborar nossa relação com os outros e na efetiva compreensão da fragilidade das relações humanas no mundo contemporâneo. Segundo Bauman (2004), as relações humanas ficaram extremamente frágeis e desconexas, caracterizadas pela banalidade e, por isso mesmo, ausentes de compromisso de reflexão, avaliação para o bem agir e pensar.

Sob este aspecto, é importante abordar e avaliar a nossa maneira de pensar e agir e compreender a fragilidade existente nas nossas relações: - O que mais gostamos em nós mesmo? O que gostaríamos de mudar? Que metas precisamos seguir para realizar nossos sonhos? - Quais são os nossos sonhos? (Figura 3).

Figura 3 - Varal de expectativas do professor em formação e formação continuada: compreensão da fragilidade das relações humanas



Fonte: organização dos autores

Guimarães Rosa (1908-1967), escreveu que na vida são necessárias apenas duas coisas: desejo e coragem. Viver envolve saber o que se quer e avaliar se temos a força necessária para correr atrás dos nossos objetivos, sempre arcando com as consequências, positivas ou negativas, de nossas escolhas. A partir disso podemos contribuir para engendrar a profunda e verdadeira reforma para recompor o futuro da humanidade e da vida no Planeta.

Ninguém sabe tudo o que o futuro nos reserva. Muito do que acontecerá em nossa vida não depende exclusivamente de nós e foge até mesmo ao nosso planejamento. Por isso, é importante avaliar, também, a realidade e identificar possibilidades de oportunidades para recompor o futuro do meio ambiente, social e natural.

A partir da formação e da formação continuada, na consciência de si e da fragilidade das relações humanas, é possível renovar/innovar a prática profissional, como docentes nos componentes curriculares, contemplando a interdisciplinaridade e as problemáticas que nos norteiam no mundo atual, tomamos os eixos do autoconhecimento e da educação ambiental. Estes temas, são amplos e complexos, e precisam de referências na interdisciplinaridade e isso demanda gestores e professores aptos e preparados para trabalharem com as relações entre os ramos da ciência, em um processo evolutivo na construção do conhecimento das futuras gerações. Diante deste pressuposto reafirmo a necessidade da formação continuada, que venha contemplar as temáticas que realmente agregam protagonismo aos atores principais que são os alunos. Para isso além de políticas pedagógicas por parte do governo, a comissão diretiva, coordenação e docentes devem promover encontros e reuniões a qual venha contribuir através do diálogo colaborativo a inclusão da interdisciplinaridade e a auto formação do professor no que tange a aplicabilidade de suas propostas de trabalho perante os seus alunos.

Tal como Japiassu (2011) afirma que nosso conhecimento nasce da dúvida e se alimenta da incerteza, ele nos convida a não termos uma vida parasitária, para isso é necessário não nos fecharmos em verdades acabadas e absolutas. O autoconhecimento, a consciência de si, podem contribuir na atitude de uma prática interdisciplinar possível para reatar a relações humanas comprometidas para recompor o futuro ambiental, social, cultural e econômico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na prática profissional, como docentes, há necessidade de pensar e repensar sobre si mesmo e sobre a realidade que nos cerca e, nesse sentido, a formação e a formação continuada são excelentes condutores para o pensamento e (re)pensamento sobre a sala de aula e o convívio profissional. Saber e conhecer quem nós somos é essencial para decidir o que queremos e o que podemos fazer da nossa vida e da nossa profissão.

Assim, neste artigo, buscamos retratar a reflexão na formação e formação continuada de professores, na importância da interdisciplinaridade e realçar o ensino de humanidades como possibilidade de transformação humana, a partir da consciência e da efetiva compreensão da fragilidade das relações humanas e engendrar a profunda e verdadeira reforma para recompor o futuro.

O exercício de olhar para si é importante para a construção da prática profissional, alicerçada e renovada/inovada na formação e na formação continuada, alimenta nossa esperança e nos fazem caminhar, seguir adiante para lutarmos e pelos projetos coletivos.

Práticas interdisciplinares, somadas, podem transformar a sociedade e contribuir para um “novo” futuro. Por isso, devemos pensar sobre como gostaríamos que nossa sociedade fosse agindo articuladamente para construí-la. Se não lutarmos pelo mundo, pela interdisciplinaridade e pela construção coletiva, corremos o risco de viver retrocessos, perder conquistas históricas de nossos antepassados e, principalmente, perder a visão integrada do meio ambiente.

A proposição do ‘varal das expectativas no caminho docente’ com indicações que podem nortear as decisões dos gestores e as expectativas dos professores diante do “novo” ensino pode impactar diretamente na prática, na busca de transcender o modelo de educar tradicional e, assim, repensar, reformular e criar e recriar o caminho da docência. E, principalmente, reconhecer sentido em tudo aquilo que é proposto.

REFERÊNCIAS

BARROS, J.D. **História, Espaço, Geografia: Diálogos interdisciplinares**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BITTENCOURT, C. M. F. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez 2008.

FAZENDA, I. C. A. **Integração e interdisciplinaridade no ensino Brasileiro**. 6. ed. São Paulo, SP. Loyola. 2011.

FAZENDA, I. C. A.; VARELLA, A.M. R. S.; OLIVEIRA ALMEIDA, T. T. Interdisciplinaridade: tempos, espaços, proposições. **Revista e-curriculum**, v. 11, n. 3, p. 847-862, 2013.

FERRY, G. **Pedagogia de la formacion**, Buenos Aires: Uba. FFYL. Ediciones Novidade Educativas, 2004.

FOLMER, V. et al. **Desafio da formação continuada em abordagens acerca do meio ambiente em uma perspectiva interdisciplinar**. Interdisciplinaridade. Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade. ISSN 2179-0094, n. 12, p. 83-102, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2007. 36. ed.

GARCIA, C.M. **Formação de Professores Para Uma Mudança Educativa**. Porto Editora, 1999.

HARARI, Y. N. **Sapiens**. Uma breve história da humanidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

HARARI, Y. N. **Homo Deus**. Uma breve história do amanhã. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

IMBERNÓN, F. **A educação no século XXI: Os desafios do futuro imediato**. Artmed. 2008.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Artmed. 2010.

JAPIASSU, H. **Ciências: questões impertinentes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

KELLER, L. BE KER, E. L. S. **A crise humana e a educação em crise**. Thaumazein, Ano IX, v. 12, n. 23, Santa Maria, p. 20, 2019.

KARNAL, L. **História na Sala de Aula: Conceitos, práticas e propostas**. 6. ed - São Paulo: Contexto, 2020.

KURRIE, C. **Meio Ambiente: Interdisciplinaridade Na Prática**. 12 Ed - Campinas, SP: Papyrus 2012.

LIMA, T. C. S.; MIOTO, R. C. T.. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Revista katálysis**, 2007.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed., São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

PINSKY, C. B. **Novos Temas Nas Aulas de História**. 2. ed. São Paulo, Contexto, 2018.

SANTOS, E. A. G. A dinâmica de ações extensionistas na formação continuada de professores municipais de Santa Maria: A tessitura de processos formativos. 2013.

SAMPIERI, R.; COLLADO, C.; LUCIO, M. **Definições dos enfoques quantitativo e qualitativo, suas semelhanças e diferenças**. Porto Alegre, RS: Penso, 2013.

SAINT-EXUPÉRY, A. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir. 1977.

THIESEN, J. S. **Revista Brasileira de Educação**. v. 13. n 39. 2008.

WEIL, P. **A arte de viver em paz**. Por uma nova consciência e educação. São Paulo: Gente, 1993.